

A poesia mapuche contemporânea como instrumento da reescrita de histórias

Carla Cristina dos Santos Bento
Isabel Cristina Barbosa de Oliveira

Resumo: Dentre os grupos originários colonizados, estão os mapuche, oriundos do Chile, que sofreram violentas perseguições em seu território. Na atualidade, esses grupos e muitos outros são oprimidos pela ótica colonialista que perdura. Os mapuche têm utilizado inúmeras ferramentas como contradiscursos à mentalidade dominante. Neste trabalho analisamos a poesia contemporânea mapuche como instrumento de reescrita de uma história que foi contada há séculos pela visão do colonizador. A partir dos escritos das poetas mapuche Graciela Huinao e Rayen Kvyeh, vislumbramos as vozes dos nativos, que por muito tempo foram rasuradas e silenciadas, contando suas vivências e valorizando a identidade originária de forma a reivindicar o papel de sujeito de suas histórias. Levando em consideração conceitos como colonialismo de Ferro (2017), as pretensões colonizadoras apresentadas por Todorov (1982), e a noção de articulação do passado e história do vencedor em Benjamin (1985).

Palavras-chave: Poesia contemporânea; Identidade mapuche; Histórias reescritas; Colonialismo.

La poesía mapuche contemporánea como instrumento de la reescritura de historias

Resumen: Entre los grupos originarios colonizados, están los mapuches, provenientes de Chile, que sufrieron violentas persecuciones en su territorio. Actualmente, esos grupos y muchos otros han sido oprimidos por la mirada colonialista que perdura. Los mapuche han utilizado innumerables herramientas como contradiscursos a la mentalidad dominante. En este trabajo analizamos la poesía contemporánea mapuche como instrumento de reescritura de una historia que se ha contado hace siglos a partir de la visión del colonizador. En los escritos de las poetas mapuche Graciela Hinao y Rayen Kvyeh, se perciben las voces de los nativos, que por mucho tiempo fueron ignoradas y silenciadas, contando sus vivencias y valorando la identidad originaria con el objetivo de reivindicar el papel de sujeto de sus historias. Considerando conceptos como colonialismo de Ferro (2017), las pretensiones colonizadoras que presenta Todorov (1982) y la noción de articulación del pasado y la historia del vencedor en Benjamin (1985).

Palabras clave: Poesía contemporânea; Identidad mapuche; Historias reescrituras; Colonialismo.

Introdução

Os processos coloniais que se iniciaram no século XVI marcaram significativamente populações em todo o mundo, sobretudo as que habitavam o continente americano. Quando analisamos os efeitos da intervenção europeia e de suas narrativas sobre essas ações, percebemos influências até os dias atuais em questões identitárias, culturais, religiosas e socioeconômicas nas regiões que foram colônias. A colonização espanhola, por exemplo, atravessada pelo genocídio de grupos originários da América e a quase extinção desses, em prol de um dito progresso, produziu também narrativas sobre essas ações nas quais se privilegiava a perspectiva eurocêntrica.

Partindo da ideia de que as narrativas hegemônicas sobre os processos coloniais são fundamentadas pela ótica dos grupos colonizadores, observam-se nesses discursos a construção de imagens e narrativas sobre o outro, aquele que habitava os territórios “descobertos” pelos conquistadores europeus. Ao acessar esses escritos, nota-se, nas representações dos povos originários, compreensões distantes da realidade. Neles os grupos nativos são descritos sob um viés homogeneizante e que os coloca em posições subalternizadas. Entretanto, pode-se verificar diferentes ações de resistência dos grupos originários na atualidade, como dos mapuche, para a desconstrução de imaginários coloniais e racistas. Acerca do povo mapuche, podemos considerar o papel da poesia contemporânea. Neste trabalho propõe-se refletir, a partir dos poemas das poetisas mapuche Graciela Huinao e Rayen Kvyeh, a poesia mapuche contemporânea como ferramenta para reescrever a história que é percebida como oficial.

A escolha das duas autoras foi realizada com base no artigo “*Kümedungun: trajetórias de vida e a escrita de si de mulheres poetisas mapuche*”, produzido por Valentina Paz Bascur Molina (2019). Analisaram-se dois poemas, um de cada escritora, tendo por finalidade examinar a construção de reescritas (BONNICI, 2009), interpretadas como contradiscursos (BONNICI, 2009), uma vez que tais narrativas destoam das histórias coloniais oficiais por reescreverem a história reafirmando sua cultura através de um resgate de vozes do passado.

1 O projeto colonial e a resistência do povo mapuche

Primeiramente é relevante abordar dois conceitos fundamentais de Ferro (2016) para compreensão do contexto colonial: o de colonização e de colonialismo. O primeiro diz respeito à apropriação de uma área estrangeira e distante por um grupo, na qual esse leva sua cultura e interesses como ótica dominante; Ferro o relaciona diretamente ao interesse dos europeus por instalarem-se em várias regiões do mundo e simultaneamente pregarem a superioridade de seu grupo diante dos povos nativos. Já o colonialismo refere-se à dominação e às relações de influência que os grupos colonizadores continuam exercendo sobre as antigas colônias, seja política, cultural e/ou religiosa. O processo “conquistador” é perpassado pela construção de narrativas em que o colonizado, sua língua e sua cultura são postos em um lugar de inferioridade visando sobretudo a exploração. Ao pensar esse processo na América Latina, Díaz Merino (2012) narra:

La visión destorcida del pasado latinoamericano resulta de la historia escrita por los europeos. De acuerdo con esa versión, la llegada del europeo en América ha sido conocida como “el descubrimiento y la conquista de América”, hecho que habría permitido que los habitantes de esas “nuevas tierras” tuviesen acceso a una lengua y a una civilización. Pero lo que realmente sucedió fue una “invasión” que tuvo inicio con el saqueo de los recursos naturales de esos pueblos, seguido de un proceso colonizador que visó la deshumanización del indígena y la degradación de su cultura, puesto que a través de la ‘deshumanización’ del indígena el europeo justificaba el tratamiento al cual sometía a los habitantes del Nuevo Mundo: disciplinar, vestir, dominar y pacificar. (DÍAZ MERINO, 2012. p. 13).

Os mapuche são um dos grupos nativos da América Latina que foram subjugados pela colonização europeia. O povo mapuche, termo que pode ser traduzido como “gente da terra”, é oriundo do sul do Chile, região conhecida como Araucania. Segundo Guzmán e Vergara (2010), a história desse povo originário é marcada pela resistência de três séculos diante dos espanhóis. Tal relação constituiu-se por sucessivos conflitos bélicos. Além da resistência física, lutaram significativamente para preservar sua cultura e sua língua, o *mapudungum*. Entretanto, na segunda metade do século XIX, o povo sofreu com intensas ondas de opressão. Seus adversários não eram mais, diretamente, os espanhóis. Nesse momento, os países já independentes, Chile e Argentina, com o fortalecimento de seus exércitos, deram início a um violento ciclo de dominação sobre os povos originários.

Seixlack (2018) menciona que, antes desse período, “a Araucania, os Pampas e a Patagônia constituíam espaços de exercício de diferentes grupos indígenas, alheios à jurisdição estatal.” Os exércitos chileno e argentino, ao se constituírem como Estados, estavam interessados em expandir territorialmente seu domínio e legitimidade para atuarem em todos os espaços. Então, tomaram terras, subjugaron grupos originários como os mapuche para “civilizá-los” e mataram milhares. Para, deste modo, poderem ampliar suas indústrias, agricultura e explorar os recursos naturais. Os mapuche estavam sem sua terra, tida como sagrada e intrínseca à sua cultura, sem seu sustento e discriminados pela sociedade vigente, que os tinha como inferiores. O processo truculento de tomada da região habitada por tal grupo foi nomeado de “Pacificação da Araucania”.

Desde a independência do país, identifica-se uma perseguição contínua às populações originárias. Os mapuche e demais grupos nativos sofrem com os estereótipos e a subjugação de sua cultura, religião e corpos. Além disso, outro período chileno conturbado para os povos nativos foi a Ditadura Pinochet, no século XX, que perpetuou estigmas e criou novos como o de “terrorista” para qualquer sujeito que se demonstrasse insatisfeito com as políticas violentas contra os grupos originários principalmente referindo-se às suas terras. Tal momento político matou e encarcerou inúmeros mapuche.

Na atualidade o grupo reivindica suas terras, seus direitos e a valorização de sua cultura dentro de uma sociedade perpassada pela lógica colonialista, na qual ainda há ideias homogeneizantes sobre os grupos originários e romantizadas sobre os “conquistadores”. As histórias que fundaram a sociedade foram feitas a partir da perspectiva dos povos colonizadores. A população mapuche, marcada por sua resistência cultural, tem feito uso de diversas ferramentas para visibilizar suas causas e cultura na contemporaneidade.

2 A perspectiva do vencido: povos mapuche e a busca por identidade

Walter Benjamin escreveu um ensaio denominado “Sobre o conceito da história”, durante a Segunda Guerra Mundial. Destacamos desse ensaio as teses V e VII, para explicitar a articulação do passado e a história dos vencedores, respectivamente. Na tese V, Benjamin (1994) explica que articular o passado não é conhecê-lo como foi, mas é apropriar-se de uma

reminiscência e utilizar como um flash fotográfico para compreender de que maneira o passado afeta o presente. Portanto, a ideia não é que o passado determine o presente, mas que o presente possa reler o passado e interpretá-lo a partir de informações e relatos que temos no presente. Sendo assim, a intenção deste trabalho é entender, através da análise de poemas de poetas mapuche, o presente e, por conseguinte, as dores e angústias causadas pelo passado colonialista dirigido pelos espanhóis.

Na tese VII, por fim, o autor aborda as noções de história dos vencedores e dos vencidos. É possível entender a história do povo mapuche quando é perceptível que a história que perdura no Chile, é a dos vencedores, isto é, dos colonizadores espanhóis. Considerando que ainda hoje os mapuche sofrem severas opressões, para tanto, Díaz Merino (2012, p. 14) expõe “La historia del pueblo chileno se remonta a la llegada de los españoles. Fue el conquistador Pedro de Valdivia quien instituyó el sistema social y económico que se mantiene hasta hoy en la sociedad chilena”. Entende-se, portanto, que os vencedores, ao contarem a história, conseqüentemente, deixaram rasuras em inúmeras vozes e identidades, o que perpetuou o silenciamento desse povo. É necessário romper com a empatia com os vencedores, pois não basta ser biologicamente minoria oprimida, é necessário ocupar um lugar social, caso contrário, o oprimido irá se colocar no lugar do dominado, uma vez que os historiadores abordam a história de forma linear e diacrônica e possuem empatia com os vencedores. Além disso, Benjamin traz um conceito de monumento da cultura em que aponta para o monumento da barbárie, pois aquele nunca existiu sem este. Os conceitos monumento de cultura e barbárie podem ser aplicados na relação aqui exposta. Deste modo, com a poesia contemporânea mapuche, as poetas referenciadas trazem em seus poemas a necessidade de reivindicar espaço e voz como possibilidade de entender e expor as opressões vividas por si, enquanto mulheres mapuche, e de seu próprio povo como uma tentativa de entender o passado com as informações que possuem no presente.

3 O que é ser Contemporâneo de si?

É interessante observar como a tratativa do tempo tornou-se objeto de interesse dos intelectuais, a partir dos anos 1920 e 1930, quando Giorgio Agamben, filósofo contemporâneo italiano traz o questionamento em seu texto “O que é contemporâneo?” (2009) em que começa questionando: *De que somos contemporâneos? O que é ser contemporâneo?* No presente trabalho, faremos uso da poesia para responder tal questionamento. Uma vez que ser contemporâneo, como apresenta Agamben, é promover uma dissociabilidade, isto é, romper com aquilo que permite ficar junto, deixar de ter um elo com aquilo que te prende. Em outros termos, aquele que está de perfeito acordo com o seu próprio tempo não consegue alcançá-lo por não enxergar a “velocidade da luz” e fica no escuro também, não consegue, portanto, ver a história acontecer.

Ser contemporâneo é sempre criticar o tempo que está vivenciando, um movimento de lembrar para esquecer. Um conceito tratado por Agamben é o de narrativas descontínuas, necessariamente, na contemporaneidade, a sensação é de desconjuntura, não é de um corpo coeso. “O presente é uma parte do não vivido, em todo vivido” (AGAMBEN, 2009, p. 70), ele está trazendo, sem dizer claramente, um conceito de recalque. Tal conceito pode ser compreendido como produto daquilo que não foi vivido - foi recalcado -, isto é, colocado para baixo, para que não irrompesse em uma dinâmica própria, e este não vivido é o contemporâneo.

Pensando tal relação ao analisar a postura dos poetas mapuche na contemporaneidade, Díaz Merino (2012, p. 20), narra “Se observa en las palabras del poeta mapuche un esfuerzo por la autorepresentación a través del testimonio que construye una imagen social y literaria para perpetuarse en la historia” uma vez que, as poetas mapuche, farão uso da poesia como forma de questionar o passado e as marcas que o perpetuam atualmente, reivindicando espaço. Tal esforço possibilita a compreensão do que a colonização causou para os mapuche e como transformar a realidade dos descendentes desses povos originários na contemporaneidade.

4 Graciela Huinao e a reescrita da história

Graciela Huinao é uma escritora Mapuche-Williche, nascida na região da cordilheira do Sul do Chile. A poeta é conhecida como a primeira figura feminina mapuche a integrar a Academia Chilena de Letras, da qual participa desde 2014. Seu ingresso ocorreu em virtude dos muitos escritos produzidos pela poeta, dentre esses, as obras bilíngues em Mapudungun-Espanhol e também em versões trilíngues. Seu primeiro poema, “*La loika*”, foi publicado em espanhol em 1989; e também o reproduziu nos Estados Unidos em 1994. Seu primeiro livro foi publicado em 2001, uma obra bilíngue de poesia Mapudungun-Espanhol denominada *Walinto* que depois foi publicado em uma versão trilíngue. A palavra *walinto* nomeia o lugar em que nasceu a poeta e significa lugar de patos huala em sua língua materna - o *mapudungun*. A relação de Huinao com a escrita iniciou bem cedo. Sua mãe faleceu quando ela era adolescente e seu pai trabalhava em uma fábrica, então, como passava muito tempo sozinha, começou a escrever.

Ainda adolescente migrou para a capital chilena em busca de oportunidades de trabalho e estudos. Huinao trabalhou em padarias, supermercados e como doméstica até conseguir reunir uma quantia em dinheiro para publicar seus textos. A mapuche, criada em uma conjuntura opressora, observava seus pares mais velhos, seu pai e sua avó, falarem em sua língua ancestral. Entretanto, não a ensinaram a língua por receio à discriminação que esses haviam sofrido. Imersa em uma sociedade que se pretende estabelecer como nacional e hegemônica, a escritora é uma das precursoras da produção da poesia mapuche em um contexto contemporâneo. Seus textos privilegiam temáticas como a realidade mapuche atual, a perspectiva mapuche feminina, o questionamento das estruturas coloniais em um passado opressor e em um presente persistente.

Pode-se considerar os escritos de Graciela Huinao como reescritas ao utilizar a concepção de reescrita de Thomas Bonnici (2009), autor inserido na perspectiva pós-colonial. Estudos que são caracterizados pela discussão acerca da relação entre colonizador e colonizado, em que se propõe expor as diversas estratégias utilizadas para a dominação e subjugação de povos. As obras de Franz Fanon, Edward Said e Albert Memmi são alguns dos referenciais teóricos dessas análises. Bonnici apresenta a noção de reescrita como a ação de reescrever a história chamada oficial a partir do ponto de vista da cultura da ex colônia. Nessa ação há a ruptura da hegemonia pregada e a problematização de diversos assuntos e

enfoques que repercutem a lógica colonial subvertendo-os.

Cabe analisar, diante de tais conceitos, os poemas de Graciela Huinao. Seus textos poéticos, intrinsecamente relacionados a sua biografia, privilegiam a voz, a versão dos seus ancestrais sobre as invasões coloniais e os efeitos dela. Como discorre Todorov (1999), os processos coloniais pregavam como objetivos a conversão cristã e a instalação de um projeto civilizatório dos povos selvagens no Novo Mundo, operaram, além disso, práticas desumanizadoras e sucessivos movimentos para apagar as vozes dos povos subjugados. Os poemas de Huinao apresentam, todavia, um outro lado da história contada como única. Os escritos marcadamente autobiográficos fazem um resgate a vozes do passado para reescrever a história.

Pode-se apontar o poema “La loika”, texto de 1989, como um exemplo desta recuperação de narrativas:

La loika

¿Por qué canta la loika?
Si le han cortado el árbol
donde solía cantar.
Tendrá que buscar uno nuevo,
cantando se va.

¿Por qué canta la loika?
Si le han robado la tierra
donde iba a anidar.
Tendrá que buscar tierras nuevas,
cantando se va.

¿Por qué canta la loika
Si no le dejan migajas
para comer,
porque el fruto de sus bosques
se los robaron en un amanecer,
la loika canta por no comer.

¿Loika por qué cantas,
sólo por trinar?
- Canto por mi árbol, migajas, tierras,
por lo que fue mío ayer.
- Canto por la pena de perderlo...
Y porque loika... un día,
un día se perderán.

(HUINAO, 2018, on-line)

O poema ressalta inicialmente o termo *loika*, nome esse que aparece seis vezes desde o título. O vocábulo nomeia um pássaro típico chileno que habita desde a porção do Atacama até o extremo sul do Chile. Para os grupos originários da região, a ave é conhecida como um símbolo para “boas notícias”. Há, inclusive, narrativas míticas acerca das características físicas da *loika*, que é uma espécie com o tórax e abdômen marcadamente vermelhos. Dentre os mitos, há a crença de que é um pássaro curador. Atualmente é considerada ave em vias de extinção e é protegida pelos órgãos ambientais, sendo assim, estão proibidas sua apreensão e a caça.

Ao ler o texto poético de Huinao, nota-se que o pássaro em questão simboliza a população mapuche. Deve-se citar que as culturas dos grupos originários estão intrinsecamente relacionadas com os elementos da natureza, tanto flora quanto fauna. Na construção dos versos do poema em análise, observa-se a presença de duas figuras: a *loika* e o seu interlocutor. Ele dirige indagações ao pássaro acerca da persistência de seu canto mesmo diante das negativas circunstâncias. Nos primeiros versos temos “¿*Por qué canta la loika? / Si le han cortado el árbol/ donde solía cantar./ Tendrá que buscar uno nuevo,/ cantando se va.*”. O eu poético a questiona. Nesse trecho, encontra-se a menção explícita à perda das árvores. A referência pode ser compreendida como a destruição dos recursos naturais, a invasão exploratória e o desmatamento do território mapuche gerida pelos grupos espanhóis, a partir do século XVI, e posteriormente, de forma mais intensa e sistemática, pelo exército chileno na segunda metade do século XIX. Este último intitulado “Pacificação da Araucania”. No quarto verso, identifica-se a necessidade de deslocamento por parte da população após as perdas.

O eu poético indaga uma segunda vez: “*¿Por qué canta la loika?/ Si le han robado la tierra/ donde iba a anidar./ Tendrá que buscar tierras nuevas,/ cantando se va.*”. Nesses versos, verifica-se a fala sobre o roubo do território do povo mapuche. Além disso, a sua saída forçada para outras regiões. As invasões enérgicas e violentas, sobretudo arquitetadas pelo governo chileno recém independente, ecoam até os dias atuais, nos quais os grupos originários como os mapuche continuam a lutar pela recuperação de suas terras. Com as justificativas de civilizar tais povos e fortalecer a identidade nacional chilena, o genocídio de milhares de mapuche e demais ações violentas serviram para tomarem o território e explorá-lo para a agricultura, extração de minério e estabelecimento de inúmeras empresas. A população originária havia sido expulsa de sua terra, de sua casa.

No terceiro questionamento, vislumbra-se as condições de sua alimentação nas circunstâncias mencionadas. Os versos “*¿Por qué canta la loika/ Si no le dejan migajas/ para comer,/ porque el fruto de sus bosques/ se los robaron en un amanecer,/ la loika canta por no comer.*” retratam uma temática pertinente em obras da poeta mapuche Graciela Huínoa que é a fome. A escritora desenvolveu poemas que abordam a sensação de abandono, de fome e da precariedade da vida de sujeitos mapuche dentro de uma sociedade racista e excludente que não conhece sua história. Muitos grupos originários foram dispersados e se viram sem condições de sobrevivência, sem recursos para se alimentar. Analisando especificamente os versos “*el fruto de sus bosques/ se los robaron en un amanecer*” pode-se perceber um discurso ressentido das inúmeras injustiças, abusos, bens que lhes foram tomados de forma inesperada e brutal.

Após a quarta e última indagação à *loika*, “*¿Loika por qué cantas,/ sólo por trinar?*”, localiza-se, então, a resposta para a constância de seu canto “*- Canto por mi árbol, migajas, tierras,/ por lo que fue mío ayer./ - Canto por la pena de perderlo...*”. A fala que explicita a voz mapuche é intensificada pelo uso da primeira pessoa por parte da autora. Há a ênfase na denúncia e na sua dor de tantas perdas. Identifica-se nesse relato, como último item, a dor de perder o seu ontem. A sua vida. Cabe mencionar que a voz da ave elenca suas dores que vieram a partir de um processo que subjuga os povos originários e que não os enxerga como sujeitos. Tomaram sua árvore, sua comida, sua terra, a sua vida. Roubaram as condições essenciais para um ser humano viver. O povo mapuche e demais grupos são percebidos, segundo a lógica colonialista que impera, como sujeitos isentos de direitos, de

cultura e autonomia. Após a sua declaração, o seu interlocutor assinala “*Y porque loika... un día,/ un día se perderán.*”. Pode-se pontuar que esses dois últimos versos sugerem que tais injustiças não ficarão impunes, o roubo de “sua vida” não ficará esquecido e sem consequências. A *loika*, o povo mapuche, continuará cantando e contando a história que não foi exposta. Graciela Huinao resgata as vozes desse povo originário ao utilizar a sua escrita como arma a fim de reescrever a história do Chile, de seu povo. Molina (2019), ao pesquisar as obras da poeta, narra que a autora é veemente ao declarar que sua principal razão para escrever é por não querer que as narrativas orais, a história e voz de seu povo morram com ela. A sua poesia transmite uma história que não é disseminada por não ser a história do Vencedor. A poeta faz emergir a voz dos subjogados, mas não assimilados como seus poemas repercutem. A partir dessas análises do texto poético, observa-se a volta constante ao passado para recuperar as narrativas de seus ancestrais para reescrever a história contada. Além disso, é pertinente pontuar que “recordar la resistencia indígena es rescatar la figura de hombres y mujeres olvidados que se opusieron a sus invasores con heroísmo, manteniendo vivos los ideales de libertad” (DIAZ MERINO, 2012, p.14).

5 Rayen Kvyen: A busca por voz e ancestralidade

Rayen Kvyeh significa flor de lua em *Mapudungun*, nasceu na cidade de Huequén, na Región de La Araucanía, Sul do Chile. Rayen decidiu reivindicar esse nome como uma forma de valorizar a língua do povo mapuche, carregando em seu próprio nome a ancestralidade. É uma ativista política e cultural, dramaturga de formação e poeta. Realiza as publicações das suas obras de forma autônoma e divulga o seu trabalho através da Casa de Cultura *Mapu Ñuke*, localizada na cidade de Temuco, Chile. A ativista começou sua formação artística na área de teatro, sendo interrompida pela ditadura militar de Augusto Pinochet, em 1981, quando foi presa política. Rayen esteve desaparecida por quarenta noites, onde sofreu torturas no cárcere de castigo de Talcahuano. Começou, então, a sua criação literária, uma vez que impedida do convívio familiar e com o rompimento da relação com a natureza, dedicou seus dias na prisão à escrita poética, redescobrando-se mapuche e tentando reconstruí-la ainda estando longe da sua terra. Ainda no Chile, na década de 1980, fazendo parte de uma geração de artistas que produzem obras literárias de cunho político. Escreveu

três obras, sendo objeto de estudo deste trabalho o poema *Abuela Luna*, no qual testemunha sobre a ditadura chilena, período em que perdeu sua liberdade. Tal poema está presente no livro 'Luna de las cenizas' (2011), segunda publicação da trilogia sobre a lua, publicada em italiano-espanhol. A trilogia de luas corresponde a três obras publicadas no exterior, sendo elas: 'Luna de los primeros brotes' (1996) , 'Luna de las cenizas' (2011) e 'Brotos de luna llena' (2012). Em seus escritos sobre a lua, Rayen utiliza a personificação na natureza como forma de fugir da escuridão e solidão do período em que ficou desaparecida, em decorrência da censura e prisão. Além disso, faz uso contínuo de uma conexão com a memória, a natureza e a territorialidade, enquanto entidades espirituais, em que se destaca a relação que existe entre a natureza e a resistência cultural. Díaz Merino (2012) esclarece:

La reflexión sobre los sistemas de opresión y subyugación vivenciados por los pueblos de América Latina hace emerger un sujeto denunciador que se revela en los procesos de resistencia. Resistencia mediante la cual este sujeto denunciador se transforma en un sujeto social que a través de su discurso torna posible la recuperación de su historia y de su cultura. (DÍAZ MERINO, 2012, p. 13).

'*Luna de las cenizas*' (2011) é uma obra autobiográfica, na qual destaca-se o poema *Abuela Luna*:

Mi celda tiene
cuatro metros cuadrados
con muros de color café.

El interruptor de la luz
se enciende desde afuera.

Con la caída del sol
cada tarde
la carcelera la apaga.

En la parte superior
de la pared del fondo
hay una pequeña ventana
con barrotes de fierro negro.

Una colchoneta delgada

me sirve de cama
y por cobija
la vieja manta
que me regalara mi padre.

Mis libros yacen
en una desordenada algarabía.
Cada noche, con ellos
construyo una montaña
gasta alcanzar la ventana.

Noche tras noche
llega mi abuela luna.
Conversamos y compartimos
la oscuridad de la prisión
y la angustia de tener hijos pequeños
en la vieja casa de la población.
Ella... me escucha en silencio.

Mis hijos duermen.
Una luz misteriosa
ilumina la humilde vivienda.
Sonriente,
mi abuela luna, les besa.

Por la mañana
mis libros yacen en una desordenada algarabía.
Los esbirros no han logrado
apagar la luz de la luna.

(RAYEN KVYEH, 2011. p.6)

A poesia de Rayen relaciona-se com a resistência e a natureza, em uma busca à ancestralidade e à territorialidade, respeitando a forma tradicional dos povos originários de

se colocarem no mundo. Com isso, Rayen Kvyen faz uma apropriação da palavra, como forma de referenciar e recontar a história dos mapuche, corrigindo, portanto, o discurso dos vencedores. Dessa maneira, a fim de irromper com o discurso oficial, no poema autobiográfico exposto acima, Rayen transmite as memórias do período em que passou presa, remontando o ambiente em que viveu, ao expor na primeira estrofe *“Mi celda tiene/ cuatro metros cuadrados/ con muros color café”*. Na segunda estrofe *“El interruptor de la luz/ se enciende afuera./ Con la caída del sol/ cada tarde/ la carcelera la paga”*, na qual explicita que quando o Sol se punha, em decorrência do interruptor ser do lado de fora da cela em que estava, encontrando-se imersa em uma escuridão, então, explica de que maneira ela conseguia escapar dessa solidão: *“Mis libros yacen/ en una desordenada algarabía/ Cada noche, con ellos/ construyo una montaña/ gasta alcanzar la ventana”*. Isto é, explica que usava os livros ali presentes para construir uma escada e alcançar a janela, e assim em *Abuela Luna*, em que Luna (lua) é uma personificação, e não apenas objeto de estudo astronômico, mas sim os avôs e as avós, testemunhas das invasões dos territórios mapuche pelos colonizadores espanhóis. Faz-se interessante destacar no poema a sexta estrofe *“Noche tras noche/ llega mi abuela luna./ Conversamos y compartimos/ lá obscuridad de la prisión/ y lá angústia de temer hijos pequeños/ (...) Ella... me escucha em silencio”*, como referenciado anteriormente, a figura da abuela é personificada na lua, que a escuta em silêncio, compartilhando das mesmas dores de estarem presas e distantes dos filhos pequenos. E, por fim, ao encerrar o poema, na oitava estrofe, nos dois últimos versos, temos a seguinte constatação: *“Los esbirros no han logrado /apagar la luz de la luna.”*, na qual a autora observa que ainda que seus algozes tenham-na deixado encarcerada no escuro, nunca serão suficientemente capazes de deixá-la distante de sua ancestralidade.

Considerações finais

Os povos originários são acometidos até a atualidade pelas consequências da invasão europeia, entretanto, suas origens são marcadas pela resistência. Na contemporaneidade, os mapuche e demais grupos reivindicam suas terras, seus direitos e a valorização de suas culturas dentro de uma sociedade marcada pela colonização, na qual perdura o ideário hegemônico e opressor para com os grupos originários. Ao pensar os

mapuche, observa-se o uso de inúmeras estratégias para resistir às demandas impostas e para reescreverem a história contada pela ótica colonialista. A poesia mapuche contemporânea surge como uma dessas ferramentas de reescrita. Nos textos poéticos, identificamos o resgate das vozes dos povos originários para contar suas perspectivas da história em períodos como o ditatorial e o colonial. Em suas produções, a figura mapuche tem o protagonismo e a voz para expor suas narrativas, suas denúncias e desconstruir o que foi pregado a séculos sobre os povos nativos. As poetas mapuche Graciela Huinao e Rayen Kvyeh demonstram, através de seus poemas, o discurso que foi calado por uma mentalidade opressora que subjugou o diferente e criou parâmetros de beleza, inteligência e civilidade em que o nativo estava sempre em posição de inferioridade. A poesia contemporânea dos mapuche tem propiciado visibilidade para a narrativa que não foi contada e que não pode ser esquecida.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Editora Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In **Magia e técnica, arte e política**. v. 7, p. 222-232, 1994.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas e ZOLÍN, Lúcia Ozana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, 2009.

DÍAZ MERINO, Ximena Antonia. **Poesia Mapuche como Resistência Cultural Contemporânea**. Revista Guará-Revista de Linguagem e Literatura.Goiânia. v. 2, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/2154> > Acesso em: 28 de abr. de 2021.

GRACIELA HUINAO. **Festival Internacional de Poesia de Medellin**, Medellín, 28 de jun. de 2018. Prometeo. Disponível em: <https://www.festivaldepoesiademedellin.org/es/Revista/ultimas_ediciones/84_85/huinao.html >. Acesso em: 20 de maio de 2021.

GUZMAN, Sócrates Moquete; VERGARA, Miguel. **As políticas públicas e a questão territorial do povo mapuche: uma análise comparativa das ações dos governos Allende, Pinochet e a nova democracia**. O Pública e o Privado. v.8, 16 de jun-dez, p.13-29, 2010. Disponível em < <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2441> > Acesso em: 24 de jun. de 2021.

FERRO, Marc. **A colonização explicada a todos**. Trad. Fernando Santos. São Paulo:

Editora Unesp, 2017

MOLINA, Valentina Paz Bascur A. *Kümedungun: Trajetórias de vida e a escrita de si de mulheres poetas Mapuche*. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares) – Faculdade de Filosofia Ciências Humanas, Universidade de Federal da Bahia. São Salvador, p. 38-50. 2019 Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32253> > Acesso em: 28 de abr. de 2021.

TODOROV, Tzvetan; PERRONE- MOISÉS, Beatriz. **A conquista da América: a questão do outro**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Cap. III. p. 151-223.

RAYEN KVYEH. Luna de las cenizas. **Luna de cenizas**. Temuko: Mapu Ñuke. 2011.

SEIXLACK, Alessandra González de Carvalho. **A Pacificação da Araucania e a Conquista do Deserto: Fronteira, Território e Nação em perspectiva**. In: 16º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 2018, Campina Grande. 2018. Disponível em: <https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1535761032_ARQUIVO_AlessandraGonzalezdeCarvalhoSeixlack_APacificacaodaAraucaniaeaConquistadoDeserto_SNHCT.pdf > Acesso em: 24 de jun. de 2021.

Recebimento: 5 de agosto de 2021.

Aprovação: 10 de maio de 2022.